

A LÓGICA PREENCHE O MUNDO

PAULITO DAGEN ROER

POEMAS MINIMALISTAS

Paulito Dagen Roer

*A LÓGICA PREENCHE O
MUNDO*

1^a. edição

Dezembro de 2025

Prólogo

A Borda do Sentido

Se a lógica preenche o mundo, a poesia minimalista habita as frestas que ela deixa para trás. Ler estes poemas exige um pacto com o inacabado. Não procure por narrativas longas ou conclusões fáceis. O que você tem em mãos é o registro do desvio, o flagrante do momento exato em que a palavra falha, a estrutura lógica racha e o sentido escapa.

Cada página é um corte. Entre o título e o verso curto, há um abismo silencioso onde o leitor é convidado a habitar. Esqueça a pressa do fluxo do mundo. O que chega aqui não se encerra.

NOTA DO AUTOR

Os textos que compõem este volume foram gerados e dispersos originalmente no fluxo contínuo das redes sociais, como legendas e fragmentos que acompanhavam imagens no Instagram. Lá, eles faziam parte do movimento efêmero do feed: apareciam, desviavam e sumiam na velocidade do toque.

*Ao retirar esses fragmentos da tela e transferi-los para a solidez do papel, a obra assume um diálogo direto com o *Tractatus de Ludwig Wittgenstein*. Se para o filósofo os limites da linguagem significam os limites do mundo, estes poemas operam precisamente nessa fronteira. Trata-se de uma tentativa de investigar o que resta quando isolamos o texto no centro da página branca: longe do algoritmo, do excesso visual e das amarras lógicas, a palavra finalmente encontra o seu próprio direito ao silêncio.*

Paulito Dagen Roer

Sumário

Parte I: O Curso e o Atrito

(O início do movimento e a falha da fala)

- *Gênese*
- *Ruído*
- *Fissura*
- *Vetor*
- *Fratura*
- *Dobra*
- *Divergência*
- *Desvio*
- *Paralaxe*
- *Declínio*
- *Eclipse*
- *Lacuna*
- *Ruína*
- *Vertigem*
- *Descompasso*
- *Queda*
- *Atrito*
- *Ensaio*
- *Margem*
- *Fenda*
- *Dispersão*
- *Deriva*
- *Rasura*

- *Sulco*

Parte II: A Margem e a Forma
(A tentativa de fixação do gesto)

- *Sintoma*
- *Vestígio*
- *Silhueta*
- *Simulacro*
- *Evidência*
- *Pulsação*
- *Eco*
- *Reverso*
- *Inconstância*
- *Miragem*
- *Espectro*
- *Insistência*
- *Averso*
- *Ocupação*
- *Rastro*
- *Gravidade*
- *Abismo*
- *Sutura*
- *Omissão*
- *Latência*
- *Sombra*
- *Clivagem*
- *Intervalo*
- *Fresta*

Parte III: O Uso e o Equívoco
(A inadequação e a quebra da lógica)

- *Equívoco*
- *Assimilação*
- *Desalinho*
- *Uso*
- *Dissociação*
- *Tensão*
- *Contradição*
- *Fricção*
- *Contorno*
- *Fragmento*
- *Distorção*
- *Vácuo*
- *Ruptura*
- *Suspensão*
- *Diluição*
- *Derretimento*
- *Invisibilidade*
- *Estágio*
- *Refração*
- *Linha*
- *Nó*
- *Vão*
- *Erosão*

Parte IV: O Resto e o Limite
(O não-fechamento e o que insiste)

- *Resto*
- *Margem*
- *Parada*
- *Estancamento*
- *Inércia*
- *Interrupção*
- *Abandono*
- *Estagnação*
- *Corte*
- *Finitude*
- *Irrupção*
- *Aparição*
- *Deslocamento*
- *Desalojamento*
- *Raridade*
- *Suspiro*
- *Consentimento*
- *Permanência*
- *Limiar*
- *Vertente*
- *Precipício*
- *Marco*
- *Causa*
- *Infinito*

Parte I: O Curso e o Atrito

Gênese

em curso

na forma da palavra

chega

mas não coincide

Ruído

tenta

o sopro

não alcança

o som

desvia

Fissura

*chega.mos
já desloca
entre chega
e chegas
algo falha*

Vetor

ninguém encerra

Fratura

chega

não é o mesmo

Dobra

eu chego

tu chegas

Divergência

*mas o que passa
não se fixa*

Desvio

entre um

e outro

nada se completa

Paralaxe

não interrompe

Declínio

eu chego

ele chega

a gente chega

Eclipse

aparece

e some

sem deixar

traço

algum

Lacuna

mas o que chega

não é isso

há um resto

sem forma

Ruína

nada se encerra

Vertigem

*não cabe
na linha
o que o corpo
desloca*

Descompasso

*o gesto
antecipa
o que a fala
não alcança
depois*

Queda

chega

chega.mos

ao lado de chegas

tu chega

varia

Atrito

*quase toca
a superfície
desvia
de novo*

Ensaio

muda

o cenário

o ator

esquece

a fala

Margem

insiste

na borda

o que o centro

rejeita

Fenda

eu chego

chegas

continua

Dispersão

chega

chega.mos

Deriva

tu chega

eu chego

chegas

e ainda

nada se encerra

Rasura

*a lógica
falha
no ponto
mais claro*

Sulco

*a lógica torna-se clara
isso é incontestável*

Parte II: A Margem e a Forma

Sintoma

agora faz sentido

*mas o que aparece
não fixa*

Vestígio

*a expressão
muda*

Silhueta

é evidente

o movimento do corpo

o tom de voz

Simulacro

dizem

ou quase

*porque algo
desvia*

Evidência

claro

ou assim parece

Pulsção

vemos

e não coincide

o mesmo gesto

diferente

absolutamente

Eco

fica

o som

do que não

foi dito

Reverso

passa

sem deixar

pista

o mesmo chão

outro

Inconstância

entre o início

e a pressa

um vão

não cede

Miragem

muda

a voz

o sentido

fica

atrás

Espectro

*um ponto
fora
do mapa
não localiza*

Insistência

corre

mas não sai

da borda

o vento

não fixa

Averso

na quebra

o traço

mostra

o que a palavra

esconde

Ocupação

*quase diz
mas o silêncio
ocupa
o espaço
antes*

Rastro

*está lá
sem estar
um sinal
frio*

Gravidade

sem peso

o tempo

pesa

na dobra

Abismo

não há

ponte

apenas

a distância

entre nós

Sutura

nada liga

o ponto

ao espaço

ao redor

Omissão

apenas

o eco

do que não

chegou

a ser

Latência

procura

o limite

encontra

o vazio

da forma

Sombra

não retoma

o fio

perdeu-se

no corte

Clivagem

o uso

gasta

o que a mente

guarda

sem nome

Intervalo

desenha

o contorno

mas o centro

escapa

Fresta

agora

já foi

outra curva

sem norte

Parte III: O Uso e o Equívoco

Equívoco

houve um equívoco

Assimilação

assimilar

não aproxima

Desalinho

*as formas
desviam*

Uso

o uso

não fixa

Dissociação

*especialmente
quando pensamos*

Tensão

*não é o mesmo
parece*

Contradição

mas no uso

se separa

Fricção

*o que dizemos
não coincide*

*e ainda assim
insiste*

Contorno

claro

não

ainda

Fragmento

chega

ou não

o que vem

não fixa

Distorção

não soma

divide

o resto

que fica

no meio

Vácuo

*nada prende
o instante
varia
e some*

Ruptura

um corte

limpo

na linha

do tempo

Suspensão

*não termina
o que nem
começou
a se dar*

Diluição

o tom

revela

o desvio

do plano

Derretimento

insiste

em ser

o que a forma

nega

Invisibilidade

o corpo

sabe

o que a palavra

errou

Estágio

*não fixa
o olhar
tudo passa
em curso*

Refração

*um resto
de som
na sala
vazia*

Linha

*entre dois
silêncios
a frase
se perde*

Nó

tarde

para o que

já estava

aqui

Vão

o movimento

muda

a pele

da cena

Erosão

agora

ou nunca

o meio

cede

Parte IV: O Resto e o Limite

Resto

entre

o que diz

e o que passa

um resto

Margem

*não é isso
mas insiste*

Parada

em curso

nada se encerra

—c.m.

Estancamento

*não termina
mas já não continua*

*algo insiste
sem direção clara*

Inércia

*o que vinha
não chega mais*

Interrupção

*parecia haver
um traço*

*agora
não se sustenta*

Abandono

ainda assim

algo segue

sem forma suficiente

Estagnação

*algo ocorre
mas não se liga
ao que veio antes*

*não há falha visível
apenas
não coincide*

Corte

repete

ou parece

o mesmo

não

Finitude

em curso

o fim

não se fecha

Irrupção

quase

chega

não

Aparição

isso

de novo

não isso

Deslocamento

agora

ou

não

Desalojamento

repete

desvia

no meio

Raridade

parece

claro

não fixa

Suspiro

ainda

Consentimento

vem

antes

de chegar

Permanência

o mesmo

quase

outro

Limiar

entre

um

e outro

nada

Vertente

começa

já

tarde

Precipício

ainda

não

na borda

algo

cede

Marco

sem lado

não fixa

no meio

Causa

um traço

não sustenta

Infinito

*entre
dois pontos
nada liga*

(resto)

*um corte
sem antes*

*tarde
no que ainda
vinha*

*um resto
fora de uso*

*sem forma
mas insiste
no limite*

*em curso
sem margem*

*Para
Começa
e para
não por falta
não continua
o que vinha
não segue
não há depois
não retomo
não insisto
fica
sem sequência*

*Surge
sem vir
não começa
aqui
já está
não retoma
não havia antes*

assim

Desloca

não fica

não sai

muda

sem ir

o mesmo

em outro ponto

não acompanha

Raro

Quase

ainda

Sim

sim

sem motivo

fica

Epílogo

O Eco do Papel

O algoritmo quer o fluxo; a página pede o corte. Se começamos com a certeza wittgensteiniana de que a lógica preenche o mundo, terminamos descobrindo que é o silêncio que o sustenta. Ao fechar este volume, o que permanece não são as palavras que foram lidas, mas o espaço que se abriu entre elas. O que não fixa na tela digital ganha, finalmente, o direito de repousar no erro e na permanência do papel. A poesia minimalista não se encerra na última linha: ela começa na insistência do silêncio que se instala logo após o fim.

PAULITO DAGEN ROER

A LÓGICA
PREENCHE O
MUNDO

Para
Começa
e para
não por falta

